

---

# EDITORIAL

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS



---

## Documentários

O cinema português em geral, as curtas-metragens e o documentarismo em particular, têm conhecido assinaláveis progressos técnicos e estéticos, uma acentuada melhoria de qualidade média, não obstante a produção nacional ainda ser reduzida. Em matéria de curtas muitos nomes se podem destacar, como Sandro Aguilar, Miguel Gomes, João Nicolau ou Gabriel Abrantes, ou mesmo muito recentes, como Ana Barroso e André Badalo. Entre todos sobrelevando, mormente ao nível simbólico, o de João Salaviza, por lhe ter sido atribuído, em 2009, o Grande Prémio de Cannes.

Em matéria de documentários, por sua vez, para não ir mais atrás, (muito menos a 1931 e ao excepcional *Douro, faina fluvial*, de Manoel de Oliveira), temos, entre outros, Rui Simões, Manuel Mozos, Sérgio Tréfaut, ou mais novos e também já distinguidos, como Miguel Clara Vasconcelos, Sílvia Firmino, Jorge Pelicano, Susana Sousa Dias ou Tiago Hespanha. Sem esquecer, agora mesmo, o magnífico e muito corajoso documentário *Complexo - Universo Paralelo*, de Mário e Pedro Patrocínio, sobre a favela do Complexo do Alemão, das mais perigosas e dominada por *gangs* da droga do Rio, e por isso a primeira, já após o documentário terminado, a ser ocupada pela polícia, para, enfim, *dar um basta nos gangs* e restituí-la aos seus habitantes.

Mas quero sobretudo assinalar dois singulares, excecionais, documentários, ainda em exibição, que me parecem ser, cada um a seu modo, marcantes, inclusive na perspetiva documental ou testemunhal sobre três raras personalidades. O primeiro sobre duas, *José e Pilar*, embora seja a de Saramago que constituiu o seu 'motor de arranque'. Um dos seus muitos méritos reside em mostrar, de forma excelente, como ambos se complementam, completam,

interagem, mutuamente valorizam e às vezes como que *iluminam*. Como se querem, amam, constroem em comum um vasto espaço afetivo, intelectual, de intensa colaboração e intervenção a múltiplos níveis, mais: criador, sem no entanto nenhum deles perder o seu próprio espaço, a sua identidade e autonomia.

É de facto um documentário extraordinário este de Miguel Gonçalves Mendes, que nos 125 minutos das 240 horas que rodou em quatro anos de trabalho, nos consegue dar o essencial da riqueza e dimensão humana de Saramago e da sua companheira, a vida de ambos - e "a vida", sem mais, tema fundamental também do filme. Acresce que *José e Pilar* constitui decerto o mais completo e significativo documentário e documento sobre um escritor, com a sua própria presença como "protagonista", e sobre o seu trabalho, desde o ambiente em que se desenvolve até aspetos relacionados com a sua função social, certas *obrigações* decorrentes quer da necessidade de difusão e promoção dos livros, quer de atender ao interesse dos seus leitores e admiradores - e sabe-se como o nosso Nobel se sentia-se no dever (quase na 'missão') de corresponder às suas expectativas.

O segundo documentário é *Com que voz*, sobre Alain Oulman, e dá um contributo precioso para ser conhecido e reconhecido, como por todas as razões merece, o homem, o cidadão e o artista, o autor de músicas que renovou ou revolucionou o reportório de Amália, o fado e a música popular portuguesa. Alain foi uma espécie de nosso Tom Jobim, de obra mais reduzida, mas igualmente espantosa. É também um belo filme, com o *plus* de ser realizado pelo filho de Alain, Nicholas Oulman, que nos traz uma figura de grande simpatia e carisma, humanamente muito rica. Um filme, sobre o qual gostaria de dizer muito mais, com momentos inesquecíveis, de que destaco as últimas imagens (de José Fonseca e Costa) com Alain ao piano e Amália a pé, a seu lado, a ensaiar *Soledad*. Uma espécie de *parto*: a música, a criação, ao vivo, em estado puro. Verdadeiramente emocionante, comovente, fantástico. **JL**



***José e Pilar e Com que voz*, dois belos filmes que os leitores não devem perder**

---

JL , 2 de fevereiro 2011